Posfácio

Não é objetivo deste posfácio matar a obra, como gesto concluído da descodificação! Não se pretende saturar o saciado leitor e explicar a estrutura externa da mesma, nem, sequer, esmiuçar – sem que a esse exercício consigamos escapar – as motivações emocionais do seu autor, que só a ele dizem respeito e, claro está, a cada um daqueles que interpreta cada palavra e investe num virar de página. Não pretende este posfácio, ao menos, substituir o prefácio, preâmbulo descortinador de capítulos, títulos e subtítulos. Não acrescentará este posfácio, portanto, nada ao escrito de Chrys Chrystello, que é rico por si só.

É pouco plausível, todavia, que a imparcialidade habite este texto, uma vez que, como cada um de vós, me deixei embrenhar nesta organizada selva memorialista – memorialista sem ser saudosista –, pejada de humor ácido e banhada por laivos de ironia. Existe uma poética do tempo que ostenta uma evidente resistência ao esquecimento e, nessa luta desigual, o *CHRÓNICAÇORES* converte-se, naturalmente, num CHRÓNICAMUNDO, porquanto garante a imortalidade do tempo, dos espaços e das gentes.

 Chrys Chrystello certifica que a mutabilidade irreversível da existência sobreviva, assegurando-lhe, precisamente, vida para a posteridade, para além da finitude anunciada, instigando-nos a compreender e a aceitar o curso ininterrupto do metamorfismo mundano. É nesse gesto partilhado que o seu universo pessoal se converte num universo coletivo: partilhamos os seus voos e as suas aterragens, passeamos pelas ruelas das aldeias dos seus ancestrais, agora tão cheias de silêncio e solidão; bebemos da velha fonte das feiticeiras, que tantas gargantas e sonhos já saciou; refrescamo-nos com o ar gélido de Bragança; aproveitamos o bulício do Porto; entreolhamo-nos com as sombras intimidantes da nossa casa; perdemo-nos nas colinas de Timor; sobrevivemos ao calor australiano e aos casamentos; fizemos rádio; escrevemos reportagens e quase, tantas vezes, fomos presos… Mas não desertamos do texto, como o autor não desertou do ato da escrita!

 O dever do escritor é retribuído com o dever do leitor, irmanados por este tributo à memória. E, assim, a obra de Chrys Chrystello atinge a imortalidade, pela sua intemporalidade.

Pedro Paulo Câmara

